

A ÉTICA AMBIENTAL EM LEONARDO BOFF: UM MECANISMO PARA A SUPERAÇÃO DA CRISE ECOLÓGICA

Jorge Pedro Macopa ¹

Ernesto António Mubango Hogueane ²

RESUMO: O objectivo geral deste trabalho é reflectir em torno das possibilidades de superação da actual crise ecológica em Leonardo Boff. Para tal socorremo-nos dos métodos indutivo e hermenêutico. Importa salientar, que os estudos e reflexões no campo da Ética espraiam-se por diversas disciplinas académicas e ramos da vida humana, cuja explicação pode ser além do que preencher lacunas no fluxo dos assuntos discutidos em livros e artigos, tampouco somente delimitar as acções da conduta humana em suas inúmeras actividades. As razões que podem explicar esse crescente interesse pelos temas éticos são muitas e complexas. Porém, destacam-se várias crises, no planeta e o mesmo planeta está morrendo na perspectiva de Boff. No entanto, Leonardo Boff sugere que diante de problemas globais não há como pensar em soluções que não sejam também globais. Neste sentido, observa que, historicamente, a consolidação das sociedades humanas deu-se com base em certos consensos para as actividades em comunidade. Boff propõe uma nova base ética fundamentada no cuidado, na solidariedade, na responsabilidade, na Ética do Diálogo, na Ética da compaixão e na libertação. A crença básica da filosofia, desde os filósofos gregos até os modernos, é de que o fundamento do ser humano é a racionalidade. Essa crença ocidental é contestada por Leonardo Boff que defende que o fundamento da existência humana não reside na racionalidade, mas sim na afectividade. Razão pela qual no lugar de penso, logo existo, defende o sinto, logo existo.

PALAVRAS-CHAVE: Ética Ambiental, Pensamento Ecológico, Sustentabilidade.

ENVIRONMENTAL ETHICS IN LEONARDO BOFF: A MECHANISM FOR OVERCOMING THE ECOLOGICAL CRISIS

ABSTRACT : The general objective of this work is to reflect on the possibilities of overcoming the current ecological crisis in Leonardo Boff. For this, we use inductive and hermeneutic methods. It is important to point out that studies and reflections in the field of

¹Bacharelado em Filosofia pelo Seminário Filosófico Interdiocesano Santo Agostinho da Matola e Licenciado em Ensino de Filosofia com Habilitação em Ética pela Universidade Pedagógica de Maputo (2019). Email: jorgepedromacopa@gmail.com.

² Mestrando em Ética e Filosofia Política na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciado em Ensino de Filosofia com Habilitações em Ética pela Universidade Pedagógica de Maputo.. E-mail: netohogueane@hotmail.com

Ethics spread across several academic disciplines and branches of human life, whose explanation can go beyond filling gaps in the flow of issues discussed in books and articles, nor just delimit the actions of human conduct in its many activities. The reasons that can explain this growing interest in ethical issues are many and complex. However, several crises stand out on the planet and the same planet is dying in Boff's perspective. However, Leonardo Boff suggests that faced with global problems there is no way to think of solutions that are not also global. In this sense, he observes that, historically, the consolidation of human societies took place based on certain consensuses for activities in community. Boff proposes a new ethical basis based on care, on solidarity, on responsibility, on the Ethics of Dialogue and on the Ethics of compassion and liberation. The basic belief of philosophy, from Greek philosophers to modern ones, is that the foundation of the human being is rationality. This Western belief is challenged by Leonardo Boff who argues that the foundation of human existence does not lie in rationality, but in affectivity. Which is why, instead of thinking, therefore I exist, it defends the feeling, therefore I exist.

KEYWORDS: Environmental Ethics, Ecological Thinking, Sustainability.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema: “A Ética Ambiental em Leonardo Boff: um mecanismo para a superação da crise ecológica”. Como o tema sugere, é um assunto relacionado à preservação do meio ambiente, um tema que entra no paradigma secular. Contudo, as motivações inerentes a esta pesquisa são diversificadas, isto é, desde às motivações pessoais, académicas, políticas e até sociais. Todas elas focalizam-se em versar sobre ética ambiental pelo facto dela se preocupar com a qualidade e a preservação da vida no nosso planeta.

Na actualidade, todos os dados nos indicam que a mãe-natureza encontra-se numa situação em que brevemente não poderá albergar perfeitas condições para a sobrevivência daqueles que dela dependem incondicionalmente, o que faz de todas as medidas e estratégias de promoção de preservação da natureza acções úteis.

Há muito que se tem pesquisado e desvendado sobre o estado actual da mãe-natureza. E essas pesquisas acusam directamente a acção do homem, pelas actividades industriais, técnico-científicas, ou seja, actividades de transformação, como sendo o elemento degradante. Os discursos nascentes, dessa forma de olhar para a causa do nosso estado actual de natureza, não chegam a assumir a utilidade dos benefícios das actividades tecnocientíficas para a qualidade de vida do próprio homem enquanto

membro integrante da própria natureza, como por exemplo, a transformação das águas salgadas em água doce, a transformação da energia solar para eléctrica, entre outros, bem como em admitir que o homem actual é abordado de tal hábito que não consegue viver sem a influência directa das tecnologias e da ciência.

De antemão, admitimos que são as actividades de transformação que o homem faz que coloca em causa o meio ambiente, e ao mesmo tempo nos lembramos dos seus benefícios e da impossibilidade de viver sem ela. É com base nessas premissas que nasce a seguinte questão: até que ponto a preservação do meio ambiente pode ser garantida, sem excluir as actividades tecnocientíficas que trazem benefícios para o próprio homem? Portanto, como possível resposta a esta questão deve-se encontrar meios de como fazer o uso das técnicas sem se distanciar do paradigma vigente no nosso século, que é a crise ecológica, isto é, usar a tecnologia e ao mesmo preservar o meio ambiente.

O artigo tem como objectivo geral reflectir em torno das possibilidades de superação da actual crise ecológica em Leonardo Boff. E objectivos específicos: descrever o estado do nosso planeta terra; referir a implicada modernidade face à preservação ecológica; analisar a Ética e a formação de valores na sociedade; explicar a proposta de uma Nova Ética Ambiental em Leonardo Boff.

Sob o ponto de vista metodológico, a investigação serve-se do método hipotético-dedutivo, na medida em que se parte da constatação da crise ecológica, formula-se o problema e as respectivas hipóteses, que depois de deduzidas as consequências, fazem-se às possíveis respostas. Para tal, a hermenêutica textual e a comparação são as técnicas indispensáveis no trabalho. A primeira técnica usa-se para leitura, análise e interpretação de obras que versam o tema em estudo; a segunda aplica-se para a confrontação do pensamento ético-ambiental de Leonardo Boff com outros pensadores prós e contra.

1. Uma análise do estado actual do Planeta Terra

Antes de apresentar a situação actual do planeta, torna-se importante numa primeira instância conceituar a ética ambiental. Portanto, a ética ambiental consiste em teoria e prática sobre preocupação apropriada com valores e deveres em relação ao mundo natural. A ética ambiental parte de preocupações humanas com uma qualidade ambiental, e alguns pensam que isto molda a ética como um todo. Outros sustentam que, além das preocupações inter-humanas, os valores estão em jogo quando os humanos se relacionam com animais, plantas, espécies e ecossistemas. Segundo essa visão, os humanos devem julgar a natureza as vezes considerável moralmente nela mesma, e isto orienta a ética para novas direcções.

A Ética Ambiental integra o “holismo³ ambiental”, ou seja, uma posição que defende que “uma visão englobante da natureza só pode ter lugar mediante a noção de uma comunidade biótica onde o homem tem assento, a par de outros membros da mesma, sem, no entanto, negar a necessidade de uma hierarquização axiológica” (BECKERT, 2004: 11). Na óptica de Leopold,

a [Ética Ambiental] alarga as fronteiras da comunidade para nela incluir os solos, as águas, as plantas e os animais, ou colectivamente: “a terra”. A Ética Ambiental altera a função do *Homo sapiens*, tornando-o de conquistador da comunidade da terra em membro e cidadão pleno dela. Implica respeito pelos outros membros seus companheiros, e também respeito pela comunidade enquanto tal (LEOPOLD, 1949: 190).

Uma ética ambiental reflecte a existência de uma consciência ecológica, e esta por sua vez reflecte a convicção de que somos individualmente responsáveis pela saúde da terra. A saúde é a capacidade de auto-renovação da terra. A conservação é o nosso esforço para compreender e preservar essa capacidade (*Ibidem*: 203).

Em suma, a ética ambiental diz respeito à relação moral estabelecida pelos humanos com o mundo natural. Refere-se a mundo natural como o conjunto completo de ecossistemas naturais de nosso planeta, abrangendo as populações

³ Holismo (ingl. *holism*, do gr. *holos*: total, completo) – Doutrina que considera que a parte só pode ser compreendida a partir do todo, que privilegia a consideração da totalidade na explicação de uma realidade, sustentando que o todo não é apenas a soma de suas partes, mas possui uma unidade orgânica (JAPIASSÚ-MARCONDES, 2001: 95).

de animais e plantas que formam a comunidade biótica desse sistema, ou seja, qualquer colecção de coisas ecológicas que, sem intrometimento ou controle humano, mantém sua existência ao longo do tempo enquanto população-de-espécie, cada uma ocupando um nicho ambiental próprio, e cada uma formada por processos evolucionários de variação genética e selecção natural.

1.1.A fragilidade do Planeta Terra

O nosso planeta terra está doente, frágil, e ameaçador para a nossa existência. Todavia, o que adoce o nosso planeta é o nosso presente, são as nossas tecnologias, o nosso sector industrial, por outra, é a nossa chamada modernidade, onde o homem olha para a natureza como seu objecto de transformação. Almeida afirma:

O planeta Terra está atravessando um momento, o qual se pode chamar de estado de enfermidade. A ameaça é elemento presente. O meio ambiente em risco aponta para sua fragilidade. O planeta está em crise, o que significa a quebra de uma concepção de mundo. Outro aspecto a se destacar é a necessidade de se compreender que a tecnologia que tem sido usada ainda é rudimentar, agressiva e poluidora (ALMEIDA, 2007, pp. 28-29).

É preponderante que se saiba, que se a natureza está padecendo dessas enfermidades, também, todos os seres que dependem dela igualmente padecem. E o homem faz parte da natureza. O estilo de vida que levamos em nossas sociedades tem sido o vírus que mais perpetua tiros certos à nossa mãe natureza.

Além disto, o modelo de desenvolvimento do ponto de vista ecológico nos remete ao crescimento ilimitado, que implica na invenção de forças destrutivas e produção da doença e da morte da Terra, de suas espécies e de tudo o que a compõe. O resultado é este tipo de sociedade sob o qual todos nós estamos padecendo. As sociedades estão continuamente consumindo de forma sistemática e crescente a energia da natureza, que não descansa e nem tem tempo para repor tal ausência (*Idem*).

Em todo o mundo são visíveis sinais de desenvolvimento, quase maior parte do mundo tem como meta o alcance de um desenvolvimento que é contínuo. De igual maneira, são visíveis os sintomas de nosso adoecido planeta. Mas o que impede a tomada de atitude em relação ao fenómeno é a crença de que a mãe-natureza não se cansará de

alimentar os seus filhos. Alguns autores, entendem este facto como ignorância. Para Boff, por exemplo,

A atitude do ser humano de se colocar sobre todas as coisas aponta para o ponto central da actual crise da civilização. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida por isso, há necessidade de se entrar num processo de mudança de paradigmas pelo simples fato de apontarmos para a necessidade de uma nova visão, de uma nova forma de comunicação com a totalidade dos sectores e de suas relações, com base numa nova sensibilização, revelamos nossa situação. A humanidade precisa ser despertada para uma nova compaixão e daí o surgimento de várias abordagens no campo da religião (BOFF, 2010, p.67).

A natureza é duplamente benevolente, primeiro porque dispôs-se ao homem para que a natureza usufrísse de forma amigável, o homem apunhalou-lhe, fez a natureza o objecto para transformar, segundo, porque não manifesta a sua degradação silenciosamente, ela é barulhenta e alarmante. Sinaliza-nos com ciclones, furacões, vulcões, terremotos, que em minutos desaparecem com tanta gente. Com base nesta reflexão, é urgente segundo Rolston (2007, p.569) a tarefa de realizar com cuidado tudo o que fazemos e pensamos, pois a terra e a humanidade estão unidas nesta relação de vida e, morte.

1.2. Enfermidade Ecológica

Segundo Almeida (2007, p.18) “actualmente a nossa biodiversidade, entendida, no geral como ecologia, encontra-se numa crise sem precedentes; e essa crise aponta também para uma profunda crise de valores e relações humanas”. Neste sentido, pretende-se fazer perceber que o mundo está presenciando desastres ambientais, destruição ambiental, poluição da água, efeito de estufa, destruição da camada de ozono, desmatamento, entre outros factores que concorrem para o desequilíbrio do nosso ecossistema, ou seja, a extinção da biodiversidade.

Estes factos implicam uma urgência reflexiva de modo a ressaltar a responsabilidade do ser humano e o respeito à vida que este deve manifestar. Mas esta reflexão deve ser difundida em todos os meios de comunicação, propondo a formação de sistemas que contemplem o carácter moral de justiça e uma ética ecológica equilibrada. O intento aqui é: despertar da consciência do ser humano para uma conduta individual que busque efectivamente o bem colectivo (ALMEIDA, 2007, p.18-19).

É imperioso afirmar aqui, que a reflexão por si só não é suficiente para uma gestão ecológica sustentável e equilibrada, mas é necessário em simultâneo a reflexão e a prática, isto é, não basta que se fale, mas também que se faça. E sobre este ponto, Boff avança:

A reflexão e a práxis devem contemplar uma acção global e não cair no erro de apenas pensar em mudanças isoladas. A dimensão da actual crise, bem como suas implicações, tem sido o tema de muitas reportagens, protestos, conferências. Mesmo assim, se devem reconhecer que apesar desta ampla divulgação há elementos que dificultam tal acção mobilizadora, tais como barreiras e, portanto, podem ser contados como factores prejudiciais à solução do problema (BOFF, 1995, p.19).

Todavia, de modo a contribuir para o desenvolvimento de uma ética que diminua a acção egoísta e predadora do ser humano no meio ambiente, é preciso que se olhe para mudanças no sentido global e não de forma isolada.

2. A Implicada Modernidade face à Preservação Ecológica

Apesar de todos benefícios que o advento da modernidade trouxe, agora é o momento de inversão, momento em que os benefícios pouco pesam em relação a tragédia que o nosso planeta causa e poderá causar massivamente um dia. Neste item, pretendemos vaguear na tese daquelas que implicam, ou seja, acusam a modernidade face a despreocupação e descuidado ecológico. Para começar a nossa discussão, trouxemos uma breve citação, como ponto de partida. Atentemo-nos:

A crise ecológica tem seu predador instruído pela modernidade. Tal modernidade, desde o início, propõe um mundo melhor ao ser humano via tecnologia. O resultado destes anos todos de modernidade foi a retirada da boa energia da natureza, o consequente empobrecimento da biodiversidade ecológica e a extinção de muitas espécies de vida. A natureza vem sendo vista como objecto pelo homem moderno, que ao mesmo tempo é manipulado e manipulador do sistema vigente (ALMEIDA, 2007, p.20)

Da citação acima, percebe-se que boa parte do entusiasmo humanista que o Iluminismo recebeu foi algo bom na modernidade; mas hoje, com uma virada ambiental, precisa ser ecologicamente refinado, isto é, a ética precisa tomar-se pós-moderna; Já para Santo Padre Francisco a elevação da razão humana e do homem no lugar de deus,

contribuíram massivamente para a enfermidade actual do nosso sistema ecológico. Ou por outra, segundo ele:

O antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano já não sente a natureza como norma válida nem como um refúgio vivente, Mas, se o ser humano não redescobre o seu verdadeiro lugar, compreende-se mal a si mesmo e acaba por contradizer a sua própria realidade (FRANCISCO, 2015, p.29)

Nos tempos modernos, verificou-se um notável excesso antropocêntrico, que hoje, continua a minar toda a referência a algo de comum e qualquer tentativa de reforçar os laços sociais. Por isso, chegou a hora de prestar novamente atenção à realidade com os limites que a mesma impõe e que, por sua vez, constituem a possibilidade dum desenvolvimento humano e social mais saudável e fecundo. Diz Feronato, que

é imprescindível, que se saiba, que falar da modernidade face ao actual estado do sistema ecológico, é igual que falar da ciência face a ecologia. Os argumentos de pensadores que breve trouxemos, notavelmente, aparentam-se limitadas, pois tratando-se de hipótese para uma discussão que não consiste simplesmente em descrever o problema, mas que se retire o benefício de todas as possibilidades oferecidas como solução (FERONATO, 2007, p.94).

Daí que a hipótese de olhar para uma ciência nova virada para a preservação do meio ambiente, seja uma hipótese que oferece possibilidades aproveitáveis face a crise enfrentada pelos homens. Para não fugir do contexto, sentimos a necessidade de retomar, com o debate em torno da incumbida modernidade face a preservação ecológica.

Quando falamos da modernidade, não falamos simplesmente como uma circunscrição, falamos também sobre os avanços que dela se sucederam, isto é, da técnica e da ciência. Hans Jonas, é um dos demais pensadores bastante pessimistas quando se trata de ciência *versus* cuidado ambiental. Para Jonas:

Hoje, na forma da moderna técnica, a técnica transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante, seu empreendimento mais significativo. Somos tentados a crer que a vocação dos homens está no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores (JONAS, 2003, p. 43).

Percebe-se da citação acima que para Jonas quanto mais aprimoramos a tecnologia, mais destruimos a natureza. O avanço tecnológico, é tratado por ele como o principal inimigo dos recursos naturais, e do bem-estar humano. A técnica está substituindo a ética, e a esfera de produzir está cada vez mais substituindo o espaço do agir responsável.

Jonas privilegia a atitude do homem antigo em relação ao actual, pois o homem antigo, da natureza retirava a sua subsistência, e o actual proporciona contínua destruição. Por outra, a violência da natureza e civilização do homem caminham de mãos dadas, pois, o homem primitivo retirava da natureza apenas o necessário para sua subsistência, algo que não acontece nos dias actuais. Jonas refere-se à tecnologia como um factor primordial no uso desacertado da natureza e na destruição da mesma. Resultado é este tipo de sociedade sob o qual todos nós estamos padecendo. As sociedades estão continuamente consumindo de forma sistemática e crescente a energia da natureza, que não descansa e nem tem tempo para repor tal ausência.

3. A Ética e a Formação de Valores na Sociedade

A base da construção ética, cujo campo é a prática, está fundamentada na pressuposição de que a ética surge quando o outro surge diante de nós. O outro pode ser nós mesmos quando analisamos nossa consciência e identificamos o ódio, a compaixão, a solidariedade, a vontade de dominação ou de cooperação para, assim, percebermos as consequências de nossos actos. Para Tavares,

O outro pode ser aquele que está a sua frente, homem, mulher, criança, amarelo, negro, portador de deficiência, indigente ou empresário. Pode ser uma comunidade, a sociedade como um todo e de uma forma mais global, pode ser a natureza, a Terra. Diante do outro ninguém pode ser indiferente, e é nessa relação que surge a ética. Ao dar-se conta de sua responsabilidade, da consequência dos seus actos, que podem ser ruins ou bons para o outro surge a ética (TAVARES, 2004, p.24).

O panorama mundial da crise financeira, guerras, miséria, mudanças climáticas, coloca em questão a relação do indivíduo com outro, visto que a consequência de seus actos demonstra uma relação antiética entre indivíduos, comunidades, países, e do homem com a própria Terra. O teólogo Leonardo Boff, na sua reflexão intitulada *A*

Ética e a formação de valores na sociedade, aponta três eixos fundamentais dessa crise: *a apartação social, o sistema de trabalho e o alarme ecológico*.

- ✓ O primeiro eixo *A apartação social*, gerada pela pobreza e pela miséria, é representada por milhões de excluídos em todo o mundo, “os considerados *zeros econômicos* que sobrevivem à margem da sociedade e, por também serem humanos, gritam querendo viver, participar e cada vez mais repudiam o veredicto de morte que pesa sobre sua vida;
- ✓ O segundo eixo da crise está no *sistema de trabalho*. O mundo passa por uma grave crise de emprego. O capital especulativo conquistou a hegemonia sobre o capital produtivo, demonstrando que a lógica da economia de mercado mundial é muito mais competitiva do que cooperativa (Cf. SAMPAIO, 2010, p.76). Outro problema está relacionado ao desenvolvimento tecnológico, que apesar de representar um avanço para humanidade, tem sérias consequências sociais, gerando altos índices de desemprego. As sociedades foram construídas com base no trabalho e vivemos hoje um desenvolvimento sem trabalho.
- ✓ O terceiro eixo da crise está no que Boff chama de *alarme ecológico*. A Terra sofre um stresse fantástico em todos os seus ecossistemas. Os combustíveis fósseis são o gás natural, o petróleo e o carvão mineral, formados pela decomposição de matéria orgânica através de um processo que leva milhares e milhares de anos e, por este motivo, não são renováveis ao longo da escala de tempo humana. A economia mundial está tão dependente da energia fóssil que o simples aumento do preço do barril de petróleo (que é o mais explorado para fins energéticos) influencia fortemente as bolsas de valores. E a falta de alternativas é um dos grandes pilares da crise.

Há a necessidade de uma nova relação da humanidade com a natureza, devemos nos preocupar com a qualidade de vida global, com toda forma de vida, da qual somos apenas uma pequena parte, na metáfora com a árvore, apenas um raminho, desses que só servem de suporte para uma única folha.

4. A Proposta de uma Nova Ética Ambiental em Leonardo Boff

Nas sociedades contemporâneas, denominadas de “sociedades do conhecimento e da comunicação”, boa parte da humanidade está conectada nas redes sociais via internet. Entretanto, paradoxalmente, nesse novo cenário, está-se criando, cada vez mais, isolamento e solidão entre as pessoas. Sobre isso, podemos afirmar que a actual humanidade habita uma espécie de caverna platónica digital. As relações com a realidade concreta, com o toque humano, cada vez mais, se tornam mais raras, são cada vez mais virtuais e, de acordo Boff prejudicam a vida humana. Nesse intuito Boff, propõe uma *ideologia revolucionária global*, amparada em um pacto ético assumido por todos os humanos.

Trata-se de uma revolução ética mundial, fundada não somente na *razão ilustrada*, mas principalmente no *pathos*, na sensibilidade humanitária e na inteligência emocional, traduzidas pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade generacional e pela compaixão, atitudes capazes de comover as pessoas para uma *nova prática social libertadora*. Singer salienta que

O que Leonardo Boff propõe é uma nova base ética, para que o ser humano encontre um novo padrão de comportamento, novos valores, preocupação e cuidado com nosso futuro, com nossa Terra e seus ecossistemas e com as condições da nossa sobrevivência (SINGER, 2002, p.26).

O teólogo propõe que essa nova base ética seja fundamentada no *cuidado*, na *solidariedade na responsabilidade, ética do diálogo e na ética da compaixão e libertação*. A crença básica da filosofia, desde os filósofos gregos até os modernos, é de que o fundamento do ser humano é a racionalidade. Essa crença ocidental é contestada por Leonardo Boff que defende que o fundamento da existência humana não reside na racionalidade, mas sim na afectividade. Nas suas próprias palavras, Boff assevera que

A ética do *cuidado* é fundamental, é uma atitude amorosa para com a vida, e toda vida precisa de cuidado, se não cuidarmos de uma criança quando ela nasce ela acaba morrendo. Precisamos dessa ética mínima ligada à própria vida e, no entanto, percebemos crianças e jovens desassistidos, a economia em crise por processos especulativos, ecossistemas em desequilíbrio. É preciso elaborar uma ética do cuidado, que funciona como um consenso mínimo a partir do qual

todos possamos nos amparar e desenvolver uma atitude cuidadosa, protectora e amorosa para com a realidade (BOFF, 2006, p.78).

Boff afirma que precisamos de vigor e ternura, trabalho e cuidado. Empenho transformador e o habitar o mundo com sentimento, poesia, alegria, jovialidade, amizade, amor. São essas as forças que estruturam a existência do ser, da comunidade, da humanidade. Juntos, devemos dar um sentido a essa conjugação de povos e raças, criando uma história nova; não mais a história do Brasil nem a de outro país, e sim a história da humanidade como família, como uma espécie junto das outras espécies. No que tange a ética da solidariedade, Boff diz que

A ética da *solidariedade* e a cooperação, segundo os estudiosos da física quântica, são fundamentais, na medida em que todos os seres se interdependem. Uma comunidade só funciona quando cria laços de cooperação. Segundo Boff, os etno-antropólogos dizem que o salto da animalidade para a humanidade ocorreu no momento em que nossos ancestrais começaram a levar o que caçavam para o grupo, de modo a dividir o alimento fraternalmente entre si (*Ibidem*, p.79).

A solidariedade e a cooperação é que permitiram a sociabilidade, o surgimento da linguagem, e definem o ser humano como sócio, como companheiro filologicamente, aquele que comparte o pão. Como vimos logo acima que para além de Boff, propor a ética do cuidado e solidariedade, propõe de igual modo a ética da solidariedade, que é entendido por Paiva como

dar-se conta das consequências que advêm de nossos actos. Hoje lidamos com a biotecnologia, com os mistérios supremos da natureza, modificamos a base físico-química da natureza e não sabemos quais serão as consequências. Impõe-se uma ética da responsabilidade, da justa medida, da cautela e da prevenção (PAIVA, 1997, p.54).

O ser humano deve sentir-se responsável por suas acções, respondendo ao apelo ético da realidade, que incide sobre sua consciência na escolha entre uma atitude de benevolência com a natureza e os outros seres, ou de agressão e submissão. Boff postula que o homem se considere responsável pelo meio ambiente, pela qualidade de vida de todos os seres, e também pelas futuras gerações. Dai que Boff refere sobre a ética do diálogo que ele mesmo considera como a

construção colectiva da solidariedade deve ocorrer em um diálogo universal, em todos os âmbitos da vida social, reconhecendo assim a

dimensão do humano como ser de relação e comunicação. Trata-se de alcançar o reconhecimento do outro, mediante o uso de regras e valores comuns, permitindo o aprendizado por meio da escuta e da convivência (BOFF, 2006, p.90).

Entretanto, é preciso que se enalteça o diálogo a todos níveis para se resgatar uma ética mundial e evitar constrangimentos, o diálogo é tido como um dos caminhos seguros para a resolução de vários problemas que apoquentam a sociedade.

Ética da compaixão e libertação. Neste tópico, Leonardo Boff trata do desafio político e ético de inclusão dos dois terços da população mundial excluídos do sistema social, que sofrem o infortúnio da miséria extrema. Defende uma atitude de compaixão em relação aos pobres, oprimidos excluídos, permitindo assim sua libertação, em prol da participação e o acesso de todos a todos os bens naturais e culturais (*Idem*).

O cuidado, a solidariedade e a responsabilidade devem ser um objectivo de cooperação mundial, um projecto político, um projecto pessoal. Essa base ética proposta por Boff pode estabelecer um patamar mínimo para que alcancemos um padrão de comportamento que seja humanitário. Como tratar humanamente os seres humanos, como tratar bem a vida que vai além da nossa vida pessoal? Essa é a grande questão de fundo. Na resposta, temos de superar a visão antropocêntrica, a visão radicada somente no ser humano.

A Carta da Terra representa um amplo esforço alinhado às questões propostas por Leonardo Boff. O teólogo, inclusive, participou da elaboração desse documento. Entre os participantes, incluem-se destacadas instituições internacionais, governos nacionais e suas agências, associações universitárias, organizações não-governamentais e grupos comunitários, governos locais, grupos ecuménicos, escolas e negócios assim como milhares de indivíduos (TAVARES, 2004, p.51).

Esse documento é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada. É um chamado a acção.

Como forma de recriar essa relação homem-natureza, Boff sublinha a necessidade de o ser humano entender-se como mais um de seus elementos, e não como seu dono e possuidor, de forma que os recursos

naturais e os demais representantes da vida terrestre sejam considerados como parte de um todo único e indivisível (PAIVA, 1997, p.59).

Observa que não há como separar o planeta físico Terra, a biosfera e a humanidade, considerando que se desenvolveram e sempre se mantiveram unidos. Trata-se, assim, de entender a Terra como totalidade físico-química, biológica, sócio-antropológica e espiritual, una e complexa, não havendo diferença entre Terra e humanidade, posto que formam um todo orgânico e sistémico.

Enfim, o autor sugere que diante de problemas globais não há como pensar em soluções que não sejam também globais. Neste sentido, observa que, historicamente, a consolidação das sociedades humanas deu-se com base em certos consensos para as actividades em comunidade. Espontaneamente, como reguladores sociais, eles surgem fundando regras de convivência, de acordo com o contexto social e a realidade de cada momento histórico.

CONCLUSÃO

A partir da análise das percepções boffinianas, entendemos que, apesar dos problemas e crises decorrentes do actual modelo civilizacional baseado no capitalismo liberal, no consumismo e individualismo desenfreados, o qual sobrevive exclusivamente às custas da exploração sistemática e virulenta dos pobres e da natureza, uma nova era ecológica está emergindo.

Percebemos a necessidade da ampliação da concepção do termo “ecologia” para as urgentes demandas do século XXI, e nesse sentido Boff aponta novos caminhos e práticas da ecologia. Na ecologia ambiental, segundo Boff para que possamos entender este conceito faz-se necessário superarmos a visão reducionista sobre a ecologia e percebermos uma visão mais integradora, do ambiente por inteiro, com suas especificidades e seus biomas com suas particularidades ímpares, principalmente de que o planeta Terra é um superorganismo vivo (teoria Gaia), que se auto-regula desde que a acção antrópica não atrapalhe Gaia, que é o que está acontecendo actualmente.

A ecologia política e social trata das desigualdades sociais, da importância da sustentabilidade, inclusão e da justiça social. A ecologia mental aborda sobre o nosso preconceito e agressividade com relação à natureza e sobre a importância da consciência planetária para a preservação de todas as espécies. A ecologia integral procura despertar no ser humano a cosmovisão holística e integradora do universo, e que o ser humano deve despertar a sua consciência para a sua missão de cuidar da Terra, a nossa casa comum (como afirmou Papa a sua visita à Moçambique).

Uma nova civilização, aos poucos, começa a traçar um novo paradigma civilizacional, mais voltado para as dimensões benevolentes da humanidade para com a Mãe-Terra e para com os pobres. O ser humano começa a sentir-se despertado e religado para o mistério que compõe o universo. O momento, segundo Boff, é de unir forças para encontrar soluções. Necessitamos, de acordo com nosso autor, do surgimento de uma civilização planetária, que priorize os princípios éticos e relações de cuidado para com todo o cosmo. A ética ambiental se propõe a resgatar a vida e conceber justiça ampla a todas as vítimas de nossa actual cultura de violência, exclusão, dominação e exploração.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M., *A crise do meio ambiente e a teologia de Leonardo Boff: uma resposta na perspectiva da teologia evangelical*, São Paulo, Universidade presbiteriana Mackenzie, 2007.

BOFF, L., *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do Mundo*. São Paulo, Editora record, 2010.

_____. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Ed: Ática, Rio de Janeiro, 2006.

_____. *A volta à Terra como pátria comum*. Rio de Janeiro, Ed: Ática, 1995

BECKERT, C., *Apresentação*. In Cristina Beckert e Maria José Varandas (eds.), *Éticas e Políticas Ambientais*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2004.

FERONATO, P., *Educação ambiental e sua relação com a educação cidadã*. São Paulo, Editora Londrina: Humanidades, 2007.

FRANCISCO, S. P., *Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D., *Dicionário básico de filosofia*, 3ª ed., R. J., 2001.

JONAS, P., *Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade*. São Paulo, Faculdade de educação e ciência Ambiental-USP, 2003.

LEOPOLD, A., *A Sand County Almanac and Sketches Here and There*. New York: Oxford University Press, 1949.

PAIVA, B., *Educação Ambiental*. 2ª ed, R. J., Atlas editora, 1997.

ROLSTON, H., *Ética ambiental*. 2ª ed, R. J., Edições Loyola, 2007.

SAMPAIO, C., *Por uma nova ética Ambiental*. R. J., Universidade Federal, 2010.

SINGER, P., *Ética Prática*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TAVARES, P., *Mudanças Climáticas*: R. J., Ed: Bertrand Brasil, 2004.

